

ARTIGO

DOSSIÊ ESTUDOS EM SEMIÓTICA SOCIAL NA AMÉRICA LATINA

**GUNTHER KRESS, CIÊNCIA E MULTIMODALIDADE: DO MAR AO
SERTÃO E DO SERTÃO AO MAR**

*(Gunther Kress, science and multimodality: from the sea to the hinterland and from
the hinterland to the sea)*

(Gunther Kress, ciencia y multimodalidad: del mar al interior y del interior al mar)

Maria Medianeira de SOUZA¹
(UFPE)

Francisco Roberto da Silva SANTOS²
(UERN)

Wellington Vieira MENDES³
(UERN)

Recebido em: janeiro de 2021

Aceito em: abril de 2021

DOI: 10.26512/les.v22i1.37265

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com estágio sanduíche na UFSC (2006). Pós-Doutorado na Pós-Graduação em Letras - UNIFESP-Guarulhos (2018-2019). Professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras/PGLetras - UFPE. Membro do Grupo SAL/UFSM; do GPET/UERN; e do ELU/UFRPE. Email: medianeirasouza@yahoo.com.br

² Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2011), durante o qual foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - UERN, com bolsa de capacitação docente oferecida pela UERN. Professor do Departamento de Letras Estrangeiras da UERN, Campus de Pau dos Ferros/RN. Membro do grupo de pesquisa EALE/UERN e do grupo EFEL/UERN. Email: robertosantos@uern.br.

³ Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016), com período sanduíche na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/PT. Professor na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, no Campus Avançado de Açu/RN - Departamento de Letras Estrangeiras. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL-UERN, Campus Avançado de Pau dos Ferros/RN. É líder do grupo de pesquisa EFEL/UERN) e membro do grupo SAL/UFSM. Email: wellingtonmendes@uern.br

RESUMO

Este artigo aborda alguns pressupostos teóricos desenvolvidos por Gunther Kress e colaboradores, nomeadamente, a semiótica social (HODGE; KRESS, 1988), a pedagogia dos multiletramentos (CAZDEN; KRESS et. al., 1996) e a gramática do design visual (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006), e destaca a influência de sua obra para os estudos sobre multimodalidade que despontaram no Nordeste entre 2005 e 2011, nos contextos litorâneo e sertanejo. As discussões são ampliadas a partir da interpretação dos sentidos multimodais construídos em charges da cartunista Laerte, publicadas entre março e setembro de 2020, que tratam do tema do negacionismo científico presente no debate político atual no Brasil. As análises mostram a força semiótica e argumentativa dos recursos visuais que contribuem para a construção do humor e da crítica social pretendida nesses textos.

Palavras-chave: *Semiótica social. Multimodalidade. Charges. Negacionismo.*

ABSTRACT

This article addresses some theoretical assumptions developed by Gunther Kress and collaborators, namely, Social Semiotics (HODGE; KRESS, 1988), the pedagogy of multiliteracies (CAZDEN; KRESS et. al., 1996) and the grammar of visual design (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006), and highlights the influence of his work for the studies on multimodality that emerged in the Brazilian Northeast between 2005 and 2011, in the coastal and backcountry contexts. The discussions are extended with the interpretation of multimodal meanings constructed in political cartoons by Laerte, published between March and September 2020, which deal with the theme of scientific negationism present in the current political debate in Brazil. The analyzes show the semiotic and argumentative strength of the visual resources that contribute to the construction of the humor and social criticism intended in those texts.

Keywords: *Social semiotics. Multimodality. Political cartoons. Negationism.*

RESUMEN

Este artículo aborda algunos supuestos teóricos desarrollados por Gunther Kress y colaboradores, a saber, la Semiótica Social (HODGE; KRESS, 1988), la pedagogía de las multiliteracidades (CAZDEN; KRESS et. al., 1996) y la gramática de diseño visual (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006), y destaca la influencia de su trabajo para los estudios sobre multimodalidad emergentes en el noreste de Brasil entre 2005 y 2011, en contextos costero y sertanejo. Las discusiones se amplían a partir de la interpretación de significados multimodales construidos en las ilustraciones burlescas de Laerte, publicadas entre marzo y septiembre de 2020, que abordan el tema del negacionismo científico presente en el debate político actual en Brasil. Los análisis muestran la fuerza semiótica y argumentativa de los recursos visuales que contribuyen a la construcción del humor y la crítica social que pretenden esos textos.

Palabras clave: *Semiótica social. Multimodalidad. Ilustraciones burlescas. Negacionismo.*

INTRODUÇÃO

Ao contrário do que a maioria de nós costuma acreditar, a distinção entre dispositivos que constituem um sistema não é absolutamente fronteiriça. O que constitui um sistema é, sobretudo, a natureza de sua interconexidade com os outros sistemas, a relação não linear de sua complexidade e sua condição indissociável dos outros (todos) dispositivos que lhes dão *forma/função*. Daí porque as ideias de sucessão e de hierarquia não sustentam a base da compreensão de um sistema, posto que o dinamismo/mudança que lhe caracteriza também abriga sua *autopoiesis*. Portanto, “do mar ao sertão e do sertão ao mar” não representa, neste texto, um porto de saída ou um lugar de chegada (como se o sertão fosse um e o mar fosse outro), mas o reconhecimento de que eles não são um sem o outro. O

verso da canção “Sobradinho”, de Sá e Guarabyra, traduz bem esse entendimento: “o sertão vai virar mar, dá no coração”.

Essa concepção sistêmica de vida e, portanto, de Ciência – que converge para a consequente compreensão de que um paradigma gesta em si o que virá a se configurar em um espaço-tempo *devenir* – é a base em que sustentamos a proposta de um texto a se inscrever no cômputo de tantos outros que homenageiam Gunther Kress, pelo conjunto sistêmico de pesquisa, produção e publicação acadêmico-científicas, a que se propôs com seus colaboradores, desde antes da década de 1980. Dessa posição científica, inevitavelmente, derivam a crítica e o sucesso. Entretanto, e sem que isso possa tomar um tom *bajulador*, apenas alguns poucos se aventam à possibilidade de tornar clássico o conjunto de conhecimentos produzidos: esse parece ser o caso de Kress, quando falamos a respeito de multimodalidade e semiótica social no âmbito da academia.

Assim, neste artigo, abordamos alguns dos pressupostos teóricos desenvolvidos por Gunther Kress e colaboradores, nomeadamente, a semiótica social (HODGE; KRESS, 1988), a pedagogia dos multiletramentos (CAZDEN; KRESS et. al., 1996) e a gramática do *design* visual (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006), a fim de recuperar, no momento presente de nosso conhecimento, o complexo universo de construção de sentidos e a viabilidade de sua descrição por meio das concepções teórico-epistemológicas lançadas com as publicações que acabamos de citar. Esse movimento de “traduzir” as orientações, pressupostos e afirmações teóricas mantém o continuado ciclo do fazer Ciência, sobretudo em tempos em que ela tem tido questionados seu estatuto e importância, congregando toda a sorte de nebulosas bizarrices pseudocientíficas à *planificação de uma Terra* anterior ao século das luzes.

Ao mesmo tempo, destacamos a influência dessa vasta produção para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre multimodalidade que despontaram no Nordeste entre 2005 e 2011, na dinâmica da travessia, da passagem de um sistema a outro, nos contextos litorâneo e sertanejo, quais sejam Dionísio (2005a; 2005b), Almeida (2008; 2009), Souza et al. (2008), Souza et al. (2009), Lucélio Aquino (2010), Jaciara Aquino (2011) e Santos (2011). Essas investigações são aqui destacadas apenas para ilustrar: (i) o alcance (a vasta extensão de nossas Universidades e do tempo dedicado à pesquisa); (ii) a abrangência (a natureza vária das abordagens e dos *sistemas-de-interesse* estudados); (iii) a pertinência (a descrição dos usos e o letramento acadêmico, escolar e social para as multimesioses); e (iv) os novos conceitos ou compreensões (refinamento e reorientação teórica). Por outras palavras, o sertão e o mar se transmutaram na abundância de um só sistema, cuja conceptualização e bases epistemológicas permitiram tanto o encontro quanto a ruptura – o encontro com o invisibilizado e a ruptura com paradigmas de segmentação e da decomposição.

Por último, de modo a exemplificar a viabilidade e relevância do conjunto teórico, a quarta parte deste texto apresenta uma interpretação dos sentidos multimodais construídos em charges da cartunista Laerte, publicadas entre março e setembro de 2020, que tratam do tema do negacionismo científico presente no debate sócio-político atual no Brasil, sob a forma de sentidos que contribuem para a construção do humor e da crítica social pretendida a partir dessas charges.

Entre o sertão e o mar, este trabalho tem como tema central a conjugação dos esforços de fazer/dar sentido, por meio de todas as condições acessíveis e disponíveis na rede imensurável de escolhas, cuja descrição apresentada por Gunther Kress e seus colaboradores, sob a forma de pressupostos ampliados, mobiliza o espírito criador/criativo da Ciência para o qual todos nós, que usamos/construímos/estudamos a língua/linguagem, temo-nos esforçado para dar a conhecer.

1. A MULTIMODALIDADE – O MARCO TEÓRICO DE GUNTHER KRESS

Pensador fecundo das práticas comunicativas pós-modernas, Gunther Kress deixou uma vasta publicação de estudos centrados no caráter multissemiótico das interações sociais. Destacamos aqui três obras de Kress, todas com a colaboração de outros colegas linguistas e pedagogos, que são fundamentais e que influenciaram de maneira definitiva as pesquisas recentes na área da linguística aplicada: *Social Semiotics* (HODGE; KRESS, 1988), *A pedagogy of multiliteracies: designing social futures* (CAZDEN; KRESS et. al., 1996) e *Reading images: the grammar of visual design* (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006).

Hodge e Kress (1988), em seu livro *Social Semiotics*, delimitaram as fronteiras teóricas da semiótica social, fundando assim um novo paradigma para “a ciência da vida dos signos no seio da vida social”, conforme definiu Saussure (2012, 47) ao sugerir a criação da disciplina que ele chamou de “semiologia”. A semiótica social procura estudar o fenômeno semiótico partindo da ideia de que os processos de produção e recepção de sentidos só podem ser compreendidos tendo como ponto de partida a dimensão social e as lutas de poder que a caracterizam e que são refletidas nos eventos comunicativos. Com essa proposta, Hodge e Kress (1988) procuraram deixar bem explícita sua contraposição ao paradigma dominante, formado por um conjunto de teorias semióticas, muitas vezes referidas como estruturalistas por fundamentarem-se nos pressupostos saussurianos, que tratam os modos semióticos no ponto de vista do código, ou seja, observando os signos como um artefato que une significante (a forma/física) e significado (o sentido/mental). Para essa corrente, significado e significante seriam inseparáveis, e, portanto, o sentido deveria ser encarado como inexoravelmente ligado a uma forma sígnica, como um aspecto inerente ao signo. Ao romper com essa tradição, a semiótica social propõe uma nova perspectiva para observar os modos semióticos.

Baseada na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Michael Halliday (por exemplo, HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), a semiótica social considera os vários sistemas semióticos, inclusive a linguagem verbal, como conjuntos de recursos que estão à escolha dos falantes de determinada cultura para realizarem sentidos em contextos sociais. Portanto, os sentidos são tidos não como inerentes aos signos, mas como pertencentes a uma dada cultura e influenciados pelas relações conflituosas que determinam a estrutura social de um grupo.

Um aspecto fundamental para a semiótica social é o uso do termo *recurso*, emprestado de Halliday, que substitui a noção de *código* da semiótica tradicional. Por sua vez, o paradigma proposto por Hodge e Kress (1988) trata os modos semióticos como *recursos*, que nada mais são do que as soluções e instrumentos diversos desenvolvidos pelos seres humanos para se comunicarem. Halliday definiu a língua como um “recurso para produzir significados, e os significados residem em padrões sistêmicos de escolha” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 23). Na semiótica social, as imagens (estáticas e em movimento), as cores, os *layouts*, os gestos, a música, a disposição dos objetos no espaço, as vestimentas também são vistas como recursos que disponibilizam uma rede complexa de escolhas para produção de significados nos mais diversos contextos de interação social.

A semiótica social, desde sua concepção, tem influenciado muitos estudiosos, cujos trabalhos contribuíram para a delimitação e ampliação de suas fronteiras teóricas. Dentre eles, podemos destacar brevemente os trabalhos de Jewitt e Oyama (2001) e van Leeuwen (2005), sem mencionar ainda a gramática do design visual de Kress e van Leeuwen (1996/2006), uma vez que esta será enfocada mais adiante neste texto.

Jewitt e Oyama (2001, p. 136) definem recursos semióticos como “produtos de histórias culturais” que “foram inventados em contextos de interesses e propósitos específicos”. As autoras também enfatizam que eles não possuem um sentido único e inalienável, mas um potencial semiótico, ou seja, uma série limitada de significados que podem ser ativados pelos interlocutores em contextos sociais específicos. Além disso, as normas que indicam os potenciais semióticos dos recursos não são imutáveis nem inatas, e uma preocupação precípua da semiótica social é estudar os fatores sociais e históricos que determinaram o aparecimento de um recurso e os que podem causar mudanças em suas regras de uso. Existem certos tipos de regras ligadas à atividade semiótica, as quais vão “das leis e prescrições mandatórias até as normas do ‘bom costume’, a influência dos modelos, os conselhos de especialistas, os hábitos corriqueiros e assim por diante” (JEWITT; OYAMA, 2001, p. 134-135). No trabalho, as autoras centram sua análise no modo visual, utilizando como *corpus* anúncios publicitários. Elas salientam que “a semiótica social visual é funcionalista no sentido de que ela vê os recursos visuais como tendo sido desenvolvidos para fazer tipos específicos de trabalhos semióticos” (JEWITT; OYAMA, 2001, p. 140).

Em sua obra *Introducing social semiotics*, Van Leeuwen (2005) apresenta, de modo muito didático e com exemplo práticos, os principais conceitos dessa disciplina. Ele define recursos como “as ações e os artefatos que nós usamos para nos comunicarmos, sejam eles produzidos fisiologicamente ou por meios tecnológicos” (p. 3), e chama a atenção para as condições sociais e de hierarquia de poder que subjazem a mudança das regras de uso dos recursos semióticos. Van Leeuwen (2005, p. 3) também destaca a agenda da semiótica social, afirmando que a primeira grande tarefa dos estudiosos dessa área é produzir inventários de recursos, tentando investigar como eles surgiram e que potenciais semióticos eles possuem. Em segundo lugar, pode-se estudar também os usos sociais dos recursos, as regras que os regulam e o modo como seus usuários se posicionam frente a eles, em outras palavras, eles investigam os registros. A terceira atividade de que se ocupam tais estudiosos é a de expandir os recursos semióticos, procurando detectar novas possibilidades, novas ferramentas e novos meios para a produção e a interpretação de significados sociais.

Passamos a tratar, agora, da obra *A pedagogy of multiliteracies: designing social futures* (CAZDEN; KRESS et. al., 1996). Esse artigo foi o produto de um fórum que reuniu, em setembro de 1994, na cidade de Nova Londres (Estados Unidos), um grupo de dez estudiosos, dentre eles linguistas e pedagogos, que ficaram conhecidos como Grupo de Nova Londres (GNL). No texto, Kress e seus colegas discutem “conexões entre o ambiente social em mutação com que se deparam alunos e professores e uma nova abordagem da pedagogia do letramento que eles chamam ‘multiletramentos’” (CAZDEN; KRESS et. al., 1996, p. 1).

O termo *multiletramentos* pretende abarcar dois importantes aspectos referentes à ordem global, institucional e cultural vigente na década de noventa e que, pode-se afirmar, extrapolam-se na realidade atual: “a multiplicidade de canais e mídias de comunicação, e a proeminência crescente da diversidade cultural e linguística” (CAZDEN, KRESS et al., 1996, p. 3). Ao levar em conta tais aspectos, busca-se superar o letramento tradicional, centrado na palavra escrita e na cultura dominante, restrito a formas de linguagem monolíngues, monoculturais e monomodais. A partir de uma *pedagogia dos multiletramentos*, o foco se volta para os textos multimodais, que integram múltiplos modos semióticos, para além do verbal, e que são publicados em variados tipos de suportes, para além do papel. Outrossim, passa-se a valorizar, em igual medida à cultura dominante dos grandes clássicos, também as culturas locais, com sua diversidade linguística e social bem como suas formas plurais de expressão.

Ao focar a integração dos diversos modos de representação, em que o texto verbal se relaciona ao visual, ao auditivo, ao espacial, ao gestual etc., segundo defendem os integrantes do GNL, a escola passaria a trabalhar com uma multiplicidade de textos e sistemas de significado que não são desconhecidos da maioria dos alunos. Os novos meios de comunicação e as tecnologias

digitais possibilitam muitos jovens a lidarem diariamente com imagens, vídeos e textos multimodais, o que altera a forma como interagem entre si, como também o modo como se acostumam a aprender coisas novas.

O manifesto programático do GNL representa um amplo construto teórico e não é nossa intenção detalhar a proposta. Concluimos essa exposição do texto de Cazden, Kress *et al* (1996), destacando que o *Projeto Internacional de Multiletramentos* lançado pelo GNL influenciou amplamente não apenas as pesquisas em torno do ensino de línguas e dos letramentos, mas também programas curriculares nacionais em diferentes partes do mundo. O mais recente currículo australiano para o Inglês, lançado em 2010, por exemplo, estabelece que “nas escolas primárias e secundárias, espera-se que os alunos demonstrem competência em letramento multimodal digital” (UNSWORTH; THOMAS, 2014, p. ix).

No Brasil, a pedagogia dos multiletramentos também produziu impactos, ainda que tardios. Ribeiro (2020), ao pensar sobre os ecos do manifesto do GNL na pesquisa e na educação brasileira, afirma que

enquanto os/as dez pesquisadores/as tratavam desse tema, no Brasil ainda aprendíamos a ter computadores e internet. A ansiedade do ‘como e o que fazer’ ainda nos perturba; a inclusão honesta da diversidade ainda é tensa; a negociação entre culturas, subculturas e linguagens se dá com conflito; e a arbitragem das diferenças tem alto custo para os/as que realmente tentam exercê-la (RIBEIRO, 2020, p. 20)

A pesquisadora ainda avalia que a crise do novo Corona vírus escancarou a imensa dificuldade que ainda hoje professores e alunos brasileiros enfrentam em relação à aquisição e ao uso das tecnologias digitais. No que se refere ao campo acadêmico, no entanto, é possível atestar com Ribeiro (2020) o grande alcance da teoria dos multiletramentos no Brasil, que se reflete nas inúmeras teses, dissertações e artigos científicos publicados sobre o tema nos últimos anos, além de ter influenciado no desenvolvimento da nova Base Comum Curricular.

Para finalizar nosso percurso teórico sobre os trabalhos de Kress no âmbito da multimodalidade, passamos a tratar da que talvez seja sua obra mais conhecida e influente sobre o tema, a qual escreveu em coautoria com van Leeuwen, intitulada *Reading Images: The Grammar of Visual Design* (1996/2006). Os autores discutem a relevância, cada vez mais crescente, das imagens e dos compostos visuais na chamada *paisagem semiótica* atual. Nesse sentido, os autores criticam as teorias semióticas tradicionais que imputavam ao modo visual um papel meramente ilustrativo, ou até mesmo alegórico em relação ao texto verbal. Este é o caso de Barthes (1977 apud KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 18), ao afirmar que:

o sentido das imagens (e de outros códigos semióticos, como roupas, comida, etc.) estão sempre relacionadas ao texto verbal e são, de certo modo, dependentes dele. Por si só, as imagens são, ele pensava, muito “polissêmicas”, muito abertas a uma variedade de sentidos possíveis. Para chegar a um sentido definido, a linguagem deve vir ao resgate.

Para Kress e van Leeuwen (2006, p. 18), as considerações de Barthes não condizem com a verdadeira realidade da comunicação multimodal, uma vez que “o componente visual de um texto é uma mensagem independentemente organizada e estruturada, conectada com o texto verbal, mas de modo nenhum dependente dele”.

A Gramática do Design Visual (GDV) apresenta-se, portanto, como um modelo teórico-metodológico que permite analisar as imagens a partir de uma perspectiva funcional e crítica. As imagens são, pois, compreendidas como estruturas sintáticas que podem ser examinadas assim como as da linguagem verbal, assumindo que “numa cultura alfabetizada os meios visuais da comunicação são expressões racionais de significados culturais propícios a julgamentos e análises racionais” (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 20). Isso é possível pelo fato de a GDV ter suas bases na LSF, a qual pode ser adequada para a análise sintática de qualquer sistema semiótico, inclusive a imagem, já que o que interessa a esse modelo é o estudo da função, e não da forma.

A partir do pensamento sistêmico-funcional, Kress e van Leeuwen (1996/2006) consideram os elementos visuais como textos que produzem três tipos de significados denominados metafunções, quais sejam: representacional (sintaxe da imagem: estruturas narrativas e estruturas conceptuais), interacional (relações particulares entre interlocutores e mundo: distância social, contato, ponto de vista e modalidade), e composicional (composição da imagem ou do texto multimodal: valor informativo, saliência e estruturação).

Apesar da capacidade, que o modo visual apresenta, de concretizar as mesmas funções do modo linguístico, é necessário enfatizar que cada modo possui um alcance delimitado de potencial de significação, o que na semiótica social denomina-se *affordance*. Isso significa que há situações em que os elementos visuais não conseguem transmitir o que é expresso pela linguagem verbal, assim como nem sempre o que é dito pela imagem pode ser dito pela escrita. Nas palavras dos autores da GDV:

[...] os modos semióticos da escrita e da comunicação visual têm cada um seus próprios meios muito particulares de realizar relações semânticas, os quais podem ser muito similares. [...] isso não quer dizer que todas as relações que podem ser realizadas linguisticamente podem também ser realizadas verbalmente – ou vice versa, que todas as relações que podem ser realizadas visualmente podem também ser realizadas linguisticamente (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 46).

Dessa maneira, imagem e linguagem verbal compõem significados próprios para propósitos comuns. Esses dois modos desenvolveram sistemas específicos com o objetivo de desempenhar as três chamadas metafunções. Enquanto a linguagem realiza a metafunção ideacional através do sistema de TRANSITIVIDADE, a metafunção interpessoal através do sistema de MODO (incluindo as modalidades) e a metafunção textual através do sistema de TEMA; a imagem realiza a metafunção representacional através do sistema de Vetores (no caso dos Processos Narrativos) e do sistema de Taxonomias (no caso dos Processos Conceituais), a metafunção interativa através dos sistemas do Contato, da Distância Social, da Perspectiva e da Modalidade, e a metafunção composicional através dos sistemas do Valor Informativo, da Estruturação e da Saliência.

Uma vez que os limites deste artigo não nos permitem detalhar cada um desses sistemas do modo visual desenvolvidos por Kress e van Leeuwen (1996/2006), recorreremos ao Quadro 1, adaptado de Santos e Mendes (2020), que resume as principais categorias de análise da GDV.

Quadro 1. Resumo de alguns conceitos-chave da GDV

<i>Conceitos gerais</i>		
<i>Participantes Representados (PR)</i>	Cada elemento que aparece representado na imagem	
<i>Participantes Interativos (PI)</i>	Participantes da interação mediada pela imagem: produtor e leitor	
<i>Vetor</i>	Linha oblíqua que une os participantes representados, indicando que um age sobre o outro	
<i>Metafunção Representacional</i>		
Processos Narrativos (Participantes ligados por vetores)	TIPO DE PROCESSO	TIPOS DE PARTICIPANTES
	Processo de Ação	<i>Ator</i> : participante do qual emana o vetor; que pratica a ação
		<i>Meta</i> : participante para o qual se direciona o vetor; que sofre a ação
	Processo de Reação (ação de olhar)	<i>Reator</i> : participante que pratica a ação de olhar
		<i>Fenômeno</i> : participante (ou processo) para o qual se direciona o olhar do Reator
	Processo Mental e Processo Verbal.	<i>Dizente</i> e <i>Experienciador</i> : participantes respectivamente representados como falando e pensando alguma coisa
<i>Assunto</i> : aquilo que é dito pelo <i>Dizente</i> ou pensado pelo <i>Experienciador</i> , geralmente representado dentro de balões de fala ou de pensamento.		
Processos Conceituais (Não há vetores entre participantes)	Processo Analítico (relação parte-todo)	<i>Portador</i> : o todo, participante que contém os Atributos Possessivos
		<i>Atributos Possessivos</i> : as partes que constituem o Portador
	Processo Classificacional (rel. de ordem estática)	<i>Superordinado</i> : categoria mais geral (o tronco)
		<i>Subordinados</i> : subcategorias (os ramos)
Processo Simbólico	<i>Portador</i> : participante ao qual se atribui valores simbólicos	
	<i>Atributos Simbólicos</i> : atribuem valores ao Portador	
Circunstâncias (elementos secundários)	Locativas: servem de <i>cenário</i> onde se localizam os participantes e suas ações	
	de Acompanhamento: acompanham os participantes principais	
	de Meio: servem de ferramenta ou instrumento para a realização da ação dos participantes principais	
<i>Metafunção Interativa</i>		
Modalidade	Codifica o valor de verdade atribuído à imagem, através do uso de certos marcadores de modalidade: a contextualização, o grau de detalhe e o tipo de reprodução das cores etc.	
Contato	<i>Demanda</i> : quando os participantes representados olham para o observador	
	<i>Oferta</i> : quando os participantes representados não olham para o observador	
Distância Social	<i>Próxima</i> : uso do plano fechado; relação de intimidade entre PR e PI	
	<i>Média</i> : uso de plano intermediário; PR e PI se conhecem, mas não são íntimos	
	<i>Longa</i> : uso de plano aberto; PR são totalmente estranhos em relação aos PI	
Perspectiva	Ângulo Horizontal	<i>Frontal</i> : relação de envolvimento entre PR e PI
		<i>Oblíquo</i> : relação de estranhamento entre PR e PI
	Ângulo Vertical	<i>Alto</i> : PI têm poder sobre a imagem
		<i>Baixo</i> : A imagem tem poder sobre PI
<i>Ao nível do olhar do observador</i> : igualdade de poder		
<i>Metafunção Composicional</i>		

Valor Informativo	Refere-se ao valor específico assumido pelos elementos visuais de acordo com sua localização na página: direita/esquerda (Dado/Novo); zona superior/zona inferior (Ideal/Real); zona central/bordas (Centro/Margens)
Saliência	Relaciona-se ao modo como os participantes representados estão dispostos para criar uma hierarquia de importância entre eles
Estruturação	Presença de elementos que conectam ou separam os participantes representados

Fonte: adaptado de Santos e Mendes (2020)

2. INVESTIGAÇÕES SOBRE MULTIMODALIDADE NO BRASIL: DO MAR AO SERTÃO POTIGUAR – TEMPOS DE CALMARIA

No cenário brasileiro, as pesquisas em torno da multimodalidade, na perspectiva desenvolvida por Kress e seus colaboradores, iniciaram-se timidamente no final dos anos noventa, ganhando projeção e cada vez mais espaço a partir da primeira década deste século.

Em um trabalho que mapeou teses e dissertações sobre esse tema desenvolvidos em dezenove programas de pós-graduação nacionais até 2011, Araújo (2011) verificou que “a maioria dos trabalhos foi produzida em um período mais recente a partir de 2005 e somente três universidades registram dissertações antes do ano 2000 (UFSC, UFSM, USP)”. Na região Nordeste, podemos destacar os trabalhos pioneiros das professoras Ângela Paiva Dionísio, da UFPE, e Danielle Barbosa Lins de Almeida, da UFPB.

A partir da perspectiva dos estudos dos gêneros, Dionísio (2005a, p. 178) trata “a multimodalidade discursiva como traço constitutivo a todos os gêneros textuais escritos e orais” e destaca a necessidade de um processamento integral de todos os recursos multimodais que compõem os textos. Na oralidade, tais recursos incluem os gestos, o olhar, o sorriso, enquanto que na modalidade escrita a variedade é ainda maior, por exemplo, figuras, legendas, cores, *layout* da página, tabelas, gráficos, formatos e tamanhos diferentes de letra, disposição do texto em colunas, uso de letra capitular, dentre outros tantos. Ao destacar os recursos visuais, cada vez mais abundantes nos gêneros da escrita, Dionísio (2005a, p. 195) defende que “todos os elementos visuais e suas disposições nos textos podem ser analisados, uma vez que desempenham um trabalho persuasivo”, o que implica em dizer que esses elementos unem-se aos signos linguísticos não apenas para ilustrar o que é dito pelo texto verbal, mas para trazer novos sentidos, corroborando para a significação global do gênero. Por esse motivo, e indo ao encontro das proposições do GNL (CAZDEN; KRESS *et al.*, 1996), é que Dionísio (2005b) advoga em favor da ampliação do conceito de letramentos no ensino de língua portuguesa, a fim de abarcar a fluência dos indivíduos na produção e leitura de textos multimodais. Segundo ela, para que um sujeito seja considerado letrado, no atual panorama das práticas comunicativas, ele deve ser capaz de “atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem” (DIONÍSIO, 2005b, p. 159).

Focalizando a semiótica visual, a partir de Kress e van Leeuwen (1996/2006), Almeida (2009, p. 484) advoga que o “letramento visual pode ser alcançado através de uma análise sistemática especificada pela gramática visual que ajude a desmistificar uma visão das imagens enquanto veículos neutros de entretenimento e réplicas da realidade”. Ao analisar anúncios publicitários de bonecas, a autora demonstra a proficuidade do modelo teórico-metodológico da GDV para a compreensão do modo como as mensagens visuais refletem as estruturas de poder, as ideologias e os significados socioculturais que permeiam o mundo a nossa volta. No livro “Perspectivas em Análise Visual”, por ela organizado, Almeida (2008) reúne uma série de artigos de pesquisadores de diversas universidades do Nordeste, que investigam diferentes gêneros com base na gramática visual. Além de mostrar a penetração do modelo de Kress e van Leeuwen (1996/2006) em terras nordestinas, a publicação é relevante por ser uma das primeiras a adaptar a terminologia da GDV para a língua portuguesa.

O alcance do paradigma desenvolvido por Kress e seus colegas não se limitou apenas ao litoral nordestino, chegando também ao sertão, mais especificamente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus de Pau dos Ferros. Entre 2007 e 2009, desenvolvemos nessa instituição, localizada no interior potiguar, duas pesquisas de iniciação científica que investigaram o editorial (em suas formas impressa e on-line) numa perspectiva multimodal, intituladas “A multimodalidade no gênero editorial” (SOUZA *et al.*, 2008) e “Opinião virtual: a multimodalidade no editorial *on-line*” (SOUZA *et al.*, 2009)⁴. Esses estudos analisaram editoriais de diversos veículos, voltados para públicos variados (nacionais, regionais, femininos, adolescentes) e materializados em diferentes suportes (jornais e revistas impressas, e mídias digitais). Observamos, nesses textos, a presença de recursos multimodais como imagens, cores, gráficos, tipografia, diagramação, letra capitular, hipertexto (nos editoriais *on-line*), dentre outros, e concluímos que esses aspectos participam marcadamente da elaboração desse gênero e contribuem para a construção de seu sentido.

Esses trabalhos de iniciação científica, mais tarde, geraram frutos na pós-graduação, com as dissertações de Lucélio Aquino (2010), Jaciara Aquino (2011) e Roberto Santos (2011)⁵. A pesquisa de Lucélio Aquino (2010) explora os mecanismos interpessoais tanto verbais como visuais dos editoriais de *Época* e *Veja*. Esse trabalho foi, inclusive, a primeira dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN e, portanto, é representativa de um período de valorização da Ciência e de interiorização da pós-graduação em nosso país; momento em que, como

⁴ Ambas as pesquisas foram desenvolvidas junto ao Departamento de Letras do Campus Avançado de Pau dos Ferros, sob a coordenação da Prof^a. Dra. Maria Medianeira de Souza, e contaram com o fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

⁵ Os três trabalhos tiveram a participação direta da Prof^a. Medianeira Souza: no primeiro, como orientadora; nos dois últimos como coorientadora.

o subtítulo desta seção sugere, vivíamos tempos de calma. Os trabalhos de Jaciara Aquino (2011), o qual analisa a tipografia, enquanto recurso multimodal, na composição dos sentidos de editoriais das revistas femininas *UMA* e *Todateen*, e de Santos (2011) que investigou aspectos relacionados às três metafunções propostas por Kress e van Leeuwen (1996/2006) em editoriais das revistas *Época*, *Veja* e *Istoé*, consolidaram não somente a presença dessa temática nesse Programa, mas sobretudo fortaleceram as pesquisas em nível de pós-graduação na referida instituição nesse produtivo processo de interiorização da Ciência.

3. INVESTIGAÇÕES SOBRE MULTIMODALIDADE NO BRASIL: DO SERTÃO AO MAR – TEMPOS DE TURBULÊNCIA

Nesta seção, pretendemos utilizar as categorias que Kress ajudou a construir para o tratamento da multimodalidade discursiva com o fim de analisarmos charges que circularam recentemente nas mídias digitais e nas redes sociais. As charges selecionadas correlacionam-se por censurarem de forma cômica e debochada o fenômeno do negacionismo.

Nestes tempos de turbulência, temos assistido perplexos ao recrudescimento de discursos negacionistas e anticientificistas. Há cada vez mais pessoas dispostas a acreditar e a defender crenças como a de que a Terra é plana, de que vacinas não funcionam, ou de que o aquecimento global é uma mentira. Esse fenômeno coincide com a escalada da extrema direita no cenário político, que resultou na vitória do *Brexit*, na Inglaterra e nas eleições de Donald Trump, nos EUA, e de Jair Bolsonaro no Brasil. Aliás, esses presidentes se notabilizaram por utilizar as crenças obscurantistas como estratégia política, de forma a fortalecerem o apoio de parte das populações de seus respectivos países. Isso ficou ainda mais evidente com a pandemia de COVID-19, quando Trump e Bolsonaro esforçaram-se em minimizar os efeitos da doença, classificar como exageradas as medidas sugeridas pelas autoridades de saúde, receitar medicamentos sem eficácia clínica comprovada e defender que os seus compatriotas seguissem normalmente com as atividades econômicas, a despeito de todas as recomendações cientificamente legitimadas tais como o distanciamento social e o uso de máscara como comportamentos indispensáveis para reduzir e conter a contaminação pelo novo Corona vírus.

Nessa guerra discursiva que tomou conta da mídia e das redes sociais, o que mais importa não são os fatos nem o rigor metodológico das pesquisas, mas sim as opiniões e as paixões ideológicas dos indivíduos, o que explica justamente a cooptação dos discursos negacionistas por agentes políticos. Pela mesma razão, talvez, uma das maneiras mais eficazes de contrapor tais discursos, no sentido de problematizá-los e desnaturalizá-los, pelo menos nesses ambientes, seja através dos gêneros humorísticos, como a charge, as tirinhas e os memes, que se caracterizam pelo sarcasmo e pela busca do riso, mobilizando diretamente as emoções dos leitores. Outra característica marcante

desses gêneros é a orquestração de elementos verbais e visuais em sua composição, o que os tornam artefatos ideais para o estudo da multimodalidade discursiva. Na sequência, apresentamos análises de três charges, buscando compreender de que modo os recursos multimodais cooperam para a produção dos sentidos desses textos.

3.1 Ciência e negacionismo: a observação da constituição multimodal em charges

As charges selecionadas para análise são da cartunista Laerte, famosa pelo modo inteligente e sarcástico com que costuma retratar os assuntos da ordem do dia em nosso país. Elas foram coletadas do perfil da própria autora no Instagram (@laertegenial). Esses textos circularam amplamente nas mídias digitais, desde grupos de discussão nas redes sociais até *sites* de notícias como a Folha de São Paulo, reforçando assim seu alcance de vinculação e debate.

Figura 1 - Charge “Abertura da Assembleia Geral da ONU”



Fonte: Charge de Laerte, publicada em 22 de setembro de 2020 no perfil da autora no Instagram @laertegenial

O episódio retratado pela charge reproduzida na Figura 1 é o discurso do presidente Jair Bolsonaro na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, que, devido à pandemia de COVID-19, ocorreu de forma remota, através de videoconferência, no dia 22 de setembro de 2020. Em seu discurso, o presidente brasileiro apresentou uma série de inverdades, para sermos polidos, com o intuito de esconder o fracasso das ações de seu governo no combate à pandemia e na preservação do meio ambiente. É justamente nesse último tópico que Laerte focaliza sua crítica, buscando desvelar, de forma bem humorada, as contradições do discurso de Bolsonaro.

A começar a análise pelos componentes da metafunção composicional (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006), observamos que o elemento de maior Saliência, isto é, aquele que ganha maior destaque visual por sua disposição em relação aos outros componentes da charge, é o quadro que mostra Bolsonaro fazendo seu discurso envolto em fumaça. A cena, cujos sentidos representacionais serão destacados mais adiante, apresenta-se circunscrita por uma moldura retangular e sombreada, semelhante a uma tela de televisão ou computador, o que remete ao fato de que o discurso foi transmitido remotamente. A moldura representa uma estratégia de Estruturação forte, que divide o “Aqui no Brasil”, onde Bolsonaro se situa, do restante da comunidade internacional que acompanha o evento. Esses dois mundos se conectam pelo balão de fala, sugerindo a transposição das barreiras espaço-temporais através das tecnologias de comunicação que permitem com que o discurso controverso do presidente brasileiro alcance repercussão global.

Integra ainda a composição da charge o letreiro “Abertura da Assembleia Geral da ONU”, que ocupa a parte superior do texto, ganhando assim Valor de Informação Ideal (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006), e cuja função é a de contextualizar, no espaço-tempo, o episódio retratado pela imagem. Além disso, na parte direita da composição, parcialmente cortada pela margem, encontra-se o símbolo da ONU, formando, junto com a cena do discurso de Bolsonaro, uma estrutura Dado-Novo (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006). Os sentidos construídos por tal escolha visual podem indicar que a situação das queimadas florestais e as tentativas de Bolsonaro de ocultar esse problema já são amplamente conhecidos; a novidade, no caso, é a ousadia de difundir tais aleivosias numa plataforma tão relevante como a da Assembleia Geral da ONU, para o mundo inteiro assistir.

Quanto aos sentidos representacionais, a porção mais saliente da charge tem como participante principal o próprio presidente Jair Bolsonaro, cuja identificação pode ser feita com base na faixa presidencial (Atributo Simbólico – KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006) e pelo contexto em que ele aparece, isto é, discursando na abertura da Assembleia Geral da ONU, remetendo a um fato recente amplamente divulgado pela mídia. A imagem apresenta uma Estrutura Narrativa, em que esse participante realiza um Processo Verbal (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006), sugerido pelo balão de fala cuja protuberância forma um vetor que incide sobre ele. Há também outro vetor aparente na imagem, formado pela mão fechada do participante em direção a sua boca, gesto que associamos ao ato de tossir (Processo Comportamental, remetendo aqui à nomenclatura da LSF), o que é reforçado também no Assunto, isto é, aquilo que é expresso pelo Dizente e é representado dentro do balão de fala (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006), através das onomatopeias “Toss! Toss!”. Tal acesso de tosse é provocada por outro participante bastante proeminente na imagem: uma fumaça cinza que encobre grande parte do espaço em que se localiza Bolsonaro.

A presença da fumaça e a reação que ela provoca ao presidente, interrompendo seu discurso, são o centro do humor satírico da charge. O leitor induz, com base em seu conhecimento das notícias recentes, que a fumaça foi provocada pelas queimadas florestais que ocorriam no Brasil na época do evento. Ou seja, elas são a indicação de que o governo brasileiro não realiza um bom trabalho na preservação de suas matas, o que vai na contramão do conteúdo da fala do presidente. O Assunto apresenta uma proposição cujo valor de verdade é posto em xeque pela própria incapacidade do Dizente de concluí-la. A interrupção do discurso controverso de Bolsonaro é expressa pelas reticências que quebram o grupo nominal “meio ambiente”, e a presença das onomatopeias já referidas. Destacam-se também as irregularidades apresentadas na base do balão de fala, que dão saliência ao ato de tosse. O entalhe na circunferência lisa do balão reforça também a supressão da fala do Dizente.

No símbolo da ONU, no lado direito da composição, a fumaça também está presente, emanando justamente da porção que representa o território brasileiro no mapa global que compõe o símbolo. A metáfora visual que a charge cria é a de que, considerando o símbolo da ONU como uma perspectiva da Terra a partir do espaço, a fumaça que exala das florestas brasileiras pode ser facilmente avistada, deixando explícita e manifesta a contradição no discurso proferido pelo presidente brasileiro.

A fumaça ainda cumpre uma função importante em relação aos sentidos interativos, que é a de esconder os olhos do participante Bolsonaro. Assim, apesar de o leitor observar o participante a partir de um Ângulo Horizontal Frontal, o que sugere um sentido de envolvimento, e a partir de uma Distância Social Média, o que o torna um pouco mais acessível à interação (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006); esse mesmo leitor não tem acesso aos olhos do presidente, fazendo-o, assim, desconfiar de suas intenções e de suas palavras, uma vez que o olhar é culturalmente associado à honestidade.

A seguir, analisamos outra charge que tem como protagonista o presidente Jair Bolsonaro. Nessa charge, reproduzida na Figura 2, Laerte retoma o discurso da Terra plana e o relaciona à forma como Bolsonaro pretendia lidar com a pandemia, o que identifica as ações do presidente como igualmente negacionistas. Dessa forma, assim como o discurso terraplanista, o artista quer retratar a sugestão de isolamento vertical para combater o alastramento do Corona vírus como contrária ao que a Ciência preconizava.

Para alcançar esse propósito, Laerte construiu a charge num formato típico de outro gênero: a tirinha, ao apresentar, em duas cenas, momentos de uma mesma narrativa. Na primeira, Bolsonaro está navegando em direção à borda do precipício e falando que a “A Terra é plana e o isolamento é vertical”. A proa, a vela, e o rastro deixado pela embarcação na água formam vetores que, do ponto de vista dos sentidos representacionais, cria uma Estrutura Narrativa e nos fazem enxergar o

movimento dos participantes representados ao realizarem um Processo de Ação (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006) em que Bolsonaro e a caravela são interpretados como Ator, e o mar sobre a superfície plana da Terra configura a Circunstância Locativa.

Figura 2 - Charge “A Terra é plana e o isolamento é vertical”



Fonte: Charge de Laerte, publicada em 31 de março de 2020 no perfil da autora no Instagram @laertegenial

Simultaneamente, tem-se um Processo Verbal, iniciado no primeiro quadrinho e se prologando até o segundo, em que a protuberância do balão de fala em direção a Bolsonaro cria um vetor que nos permite ler o conteúdo verbal (Assunto) como um dizer associado àquele participante, denominado Dizente na terminologia da GDV. Também é possível compreender que esse Processo Verbal está direcionado para o leitor, já que os olhos do personagem estabelecem um Contato de Demanda (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006), como se ele estivesse convocando a adesão do leitor a suas ideias.

No quadrinho seguinte, a embarcação não aparece mais e os recursos visuais que nos fazem entender que Bolsonaro teria caído do precipício (Processo de Ação) são os vetores formados pela água que escorre pela borda da Terra e também pelo balão de fala, que se prolonga na mesma direção.

Merece destaque nessa charge de Laerte o modo como a autora utilizou o balão de fala não apenas para projetar o conteúdo verbal do Dizente Bolsonaro, mas sobretudo para enfatizar a queda da embarcação. Ao fazer com que o balão perseguisse o Dizente em sua queda “vertical”, ao mesmo tempo em que prolonga a última vogal dessa palavra, fazendo-a soar como a interjeição de grito, a cartunista consegue retratar o contrassenso do discurso e o fracasso das ações do presidente brasileiro, além de produzir a comicidade pretendida.

Outra função do balão de fala é a de atrelar as duas cenas (Estruturação), reforçando a conexão lógica entre ambas. A própria disposição das palavras parece ter sido cuidadosamente arranjada para que a primeira oração no complexo oracional “A Terra é plana” ocupasse o primeiro

quadrinho, o que do ponto de vista textual/composicional, estabelece o ponto de partida da mensagem verbo-visual (Valor de Informação Dada), fazendo com que o leitor processe o restante da mensagem partindo de um pressuposto notoriamente negacionista. Por sua vez, o segundo elemento do complexo oracional “o isolamento é verticaaaaaaaaaa...” ocupa o segundo quadrinho, o qual, ao passo em que retrata a continuação da primeira cena, também se apresenta como a informação Nova, ou seja, a porção da mensagem que não está pacificada e que é posta em negociação com o leitor; nesse caso, a tese do isolamento vertical ainda divide opiniões, inclusive entre alguns cientistas, diferentemente do terraplanismo. A questão é que, ao utilizar o discurso terraplanista como ponto de partida, e estabelecer com ele uma relação lógica de parataxe (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) através da conjunção aditiva “e”, ao mesmo tempo em que jocosamente interrompe sua fala como consequência de sua queda do precipício, a cartunista pretende claramente identificar a tese do isolamento vertical também como negacionista.

Outras escolhas visuais também merecem destaque. Como as feições do participante Bolsonaro, que foram retratadas de modo exagerado para parecer vilanesco, o que configura um recurso recorrente no gênero charge (palavra que se origina do francês *charger*, que significa carga). Além disso, no que concerne aos sistemas interpessoais da Distância Social e da Perspectiva Horizontal (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006), esse personagem é mostrado a partir de uma longa distância e de lado para o leitor, o que indica falta de empatia e alheamento na relação entre os participantes interativos. Assim, ao processar a imagem o leitor é levado a não se identificar com Bolsonaro e a não aceitar suas ideias, mas, pelo contrário, achincalhá-las.

Retomando nosso olhar sobre os sentidos representacionais, também chama a atenção a escolha da embarcação em que Bolsonaro navega pela Terra plana: uma caravela. Diante das opções disponíveis no eixo paradigmático, como navio, iate, lancha ou qualquer outra embarcação moderna, a escolha pela caravela imprime a obsolescência da tese terraplanista, rechaçada desde o tempo das grandes navegações, ainda na idade média. A caravela também indica que as ações e ideologias do presidente brasileiro são ultrapassadas. Outra referência ao período medieval pode ser apreendida pelo fato de a cartunista ter optado por retratar a cena num cenário noturno, o que nos remonta às trevas da ignorância e do combate ao conhecimento científico que marcaram aquele momento histórico. Se considerarmos ainda que a cultura ocidental geralmente metaforiza visualmente a linha do tempo seguindo da esquerda para a direita, a direção em que Bolsonaro conduz a embarcação, isto é, para trás, para o passado, reforça ainda mais o sentido de retrocesso de sua conduta em resposta à crise do Corona vírus.

Passamos agora para a charge “Questão de opinião”, reproduzida na Figura 3. Nela, Laerte novamente aborda o tema da crise da COVID-19, dessa vez para censurar as ações de grupos

bolsonaristas que, no período mais crítico da pandemia, ignoraram as orientações das autoridades de saúde e realizaram manifestações de rua para demonstrar seu apoio ao governo.

Figura 3 - Charge “Questão de opinião”



Fonte: Charge de Laerte, publicada em 22 de maio de 2020 no perfil da autora no Instagram @laertegenial

Remetendo-nos aos sentidos representacionais, o participante principal da charge é um indivíduo identificado como um manifestante apoiador de Bolsonaro. Tal identificação é feita com base nos seus Atributos Possessivos (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006): camiseta amarela e bandeira do Brasil, símbolos antes geralmente tidos como patrióticos, mas que, com os atos em favor do golpe sofrido pela presidenta Dilma entre 2014 e 2015, e depois com a campanha eleitoral de 2018, ficaram atrelados à extrema direita e ao reacionarismo. A camiseta amarela e a bandeira brasileira são tratadas aqui como recursos semióticos, que não possuem significados únicos pré-determinados, mas têm cada qual um potencial semiótico que é moldado pela história de uso desses recursos nas práticas sociais (HODGE; KRESS, 1988, VAN LEEUWEN, 2005). Assim, patriotismo e reacionarismo são vistos como sentidos possíveis que compõem o potencial semiótico desses elementos e é somente a partir do contexto de uso real, em que os significados são negociados entre os interlocutores, que é possível delimitar o sentido pretendido pelo produtor do texto e a ser reconstruído pelo leitor. No caso da charge, os aspectos contextuais nos permitem interpretar o sentido de reacionarismo como o que foi acionado por Laerte para identificar o participante representado como militante bolsonarista.

Destaca-se também, com muita Saliência do ponto de vista dos sentidos composicionais, outros Atributos Possessivos relacionados àquele participante: centenas de vírus da COVID-19, visíveis a olho nu (liberdade de expressão permitida pelo gênero charge), encobrendo o manifestante e deixando um rastro de contaminação por onde ele passa. Dessa forma, o participante passa a ser identificado também como portador e transmissor do Corona vírus.

O manifestante envolve-se num diálogo (Processos Verbais) com uma voz cuja fonte não aparece explicitamente representada na composição. Além disso, esse Dizente implícito projeta um Assunto que não está circunscrito a um balão de fala, como ocorre com os demais Processos Verbais observados nas charges aqui analisadas, ficando *solto no ar*, por assim dizer. Tais aspectos nos permitem interpretar essa voz como sendo coletiva, representando a voz da Ciência, dos profissionais de saúde, da imprensa ou da opinião pública em geral. Trata-se de uma voz denunciativa, que interpela o manifestante de forma direta (uso do pronome de segunda pessoa na função de Sujeito), imputando um grau alto de certeza (ausência de qualquer verbo ou advérbio modal e uso de exclamação) à sua proposição acusatória: “Você está espalhando o vírus!”.

Em resposta a essa acusação assertiva, baseada em fatos verificáveis a olho nu pela grande quantidade de vírus que recobrem o personagem bolsonarista, este a rechaça prontamente, não apenas ao afirmar tratar-se de uma “Questão de opinião!”, mas também ao colocar, nessa declaração, um alto valor de firmeza perceptível pelo uso do modo exclamativo bem como do continuar inabalável em seu caminhar (Processo de Ação indicado por vetores formados pelos pés e braços) na direção contrária daquela voz. Esse é o ponto central do humor crítico construindo nessa charge. O manifestante recusa-se a aceitar uma verdade inquestionável, lançando mão de uma estratégia muito comumente utilizada pelos adeptos do negacionismo científico, isto é, a de mesclar o factual com o opinativo, ao serem confrontados com os fatos, procurar deturpá-los, atrelando-os a uma mera questão de perspectiva ideológica.

Quanto aos significados interativos, o manifestante foi retratado a partir de um Ângulo Oblíquo (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006), o que remete a um alheamento em relação ao leitor e, combinado à Distância Social máxima (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006), condiciona aqueles que interagem com a imagem a não se identificarem com aquele personagem. Já em relação ao outro participante, implícito na imagem, esse sentido de alheamento é ainda maior, pois o manifestante se posiciona de costas para ele, sem qualquer intenção de estabelecer um diálogo ou de considerar minimamente seus argumentos, o que também revela a intenção da cartunista em censurar essa atitude como típica dos negacionistas.

A observação das charges de Laerte pela perspectiva da multimodalidade discursiva, através do paradigma desenvolvido por Kress e seus colegas, revelou a força semiótica e argumentativa dos recursos visuais que compõem esses textos. Ao interpretarmos os significados representacionais, interativos e composicionais atrelados a esses recursos semióticos, frutos das escolhas comunicativas da cartunista, é possível perceber como tais elementos coadunam com os signos verbais para construir o humor e a crítica social inerentes às charges analisadas. Portanto, recursos linguísticos e visuais trabalham em conjunto para formar uma significação social global, o que torna o processamento

desses textos uma atividade mais complexa e desafiadora, pois exige do leitor a perspicácia de integrar imagem e palavra no processo de leitura.

A pedagogia dos multiletramentos (CAZDEN; KRESS et al., 1996) salienta a importância de se enfatizar, na escola, a leitura consciente e crítica de textos multimodais como as charges aqui investigadas, uma vez que, fora da sala de aula, os alunos são diariamente confrontados com materiais complexos que lhes exigem o processamento integrado entre diversos recursos semióticos. Portanto, essas novas tendências comunicativas demandam da escola uma abordagem de ensino que leva em conta o caráter cada vez mais multimodal dos gêneros textuais. Isso exige esforços para agenciar uma abordagem atenta e sistemática de leitura das mensagens visuais nos mais diversos gêneros. Uma análise como a realizada neste artigo, se levada para a sala de aula como amostra de trabalho com os gêneros crítico-humorísticos como a charge, pode cooperar para a formação de leitores mais completos e críticos, capazes de construir significados e atualizar discursos advindos de múltiplos modos semióticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um teórico da magnitude de Gunther Kress, cujas reflexões centradas nas práticas comunicativas pós-modernas vêm a público por meio de um legado robusto de obras dedicadas aos estudos do caráter multissemiótico das interações sociais, muito contribuiu com essa perspectiva teórica e seu pensamento continuará a reverberar na seara acadêmica e para além dela, de modo que tratar dessa *presença intelectual* em um artigo certamente exige várias delimitações, como as visualizadas nas sessões que compõem esse texto.

A primeira delas diz respeito à demonstração de um *roteiro* ilustrativo de seu trabalho, através do destaque de obras compreendidas como de relevância e influência ímpares. Essa síntese nos informa do impacto dessas ideias no contexto brasileiro: em primeiro lugar, com a pedagogia dos multiletramentos (CAZDEN; KRESS et. al., 1996), seja para melhor compreensão da realidade nacional em termos de ensino, aprendizagem e novas tecnologias, seja na produção de artigos, dissertações e teses; em segundo lugar, com a gama considerável de leitura, divulgação e aplicação de sua reconhecida e difundida obra *Reading Images: The Grammar of Visual Design* (KRESS; van LEEUWEN, 1996/2006), mais conhecida entre nós como *gramática do design visual* ou simplesmente GDV.

A segunda, circunscreve sua *presença* grandiosa aos estudos empreendidos no Nordeste brasileiro em um marco temporal compreendido entre 2005 e 2011, enfatizando o papel de duas pesquisadoras, as professoras Ângela Dionísio (UFPE) e Danielle Almeida (UFPB), cujos trabalhos

influenciam e formam outros pesquisadores. Essa influência se interioriza e o paradigma desenvolvido por Kress e seus colegas sai do âmbito litorâneo desses dois estados nordestinos, e alcança o sertão, mais especificamente adentra a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus de Pau dos Ferros. Entre 2007 e 2011, desenvolveram-se pesquisas de iniciação científica, que tiveram sequência em dissertações de mestrados, como descritos na seção 3, e artigos delas derivados ou influenciados, de modo a dar prosseguimento aos estudos multimodais, seja em nível de doutorado, seja como docentes em instituições de ensino superior, nessa região sertaneja ou na capital do estado do Rio Grande do Norte, alimentando o fluxo, o trânsito teórico tão necessário ao crescimento acadêmico e científico.

Por fim e terceira delimitação, tratar de Kress e sua obra sem demonstrar a aplicabilidade e a eficácia dos princípios teórico-metodológicos construídos por ele e colaboradores, realizando uma análise alicerçada nos três pilares metafuncionais da GDV seria, sob certos aspectos, sobrevalorizar a eficiência das ideias kressianas, e mais do que isso, seria também desperdiçar a oportunidade de *navegar pelos agitados mares científicos* hodiernos para, com *âncoras multimodais*, revelar a arquitetura imagética e verbal das charges selecionadas, cujo conteúdo de base tem, na Ciência, o seu *porto seguro*. A observação atenta das categorias analíticas da GDV evidencia, destrincha, explicita o diálogo entre as mãos hábeis, o conhecimento acumulado e o acurado senso de humor da cartunista Laerte na construção de charges harmônicas, precisas e portadoras de uma crítica social contundente e deveras pertinente ao momento histórico brasileiro e mundial.

Se os preceitos da semiótica social guardam em seu cerne a premissa de que os processos de produção e recepção de sentidos só podem ser compreendidos tendo como ponto de partida a dimensão social e as lutas de poder que a caracterizam e que são refletidas nos eventos comunicativos (HOGDE; KRESS, 1988), o humor, aqui representado nas charges da histórica cartunista Laerte, bem como em muitas outras charges e outros gêneros humorísticos publicados impressa ou virtualmente na atualidade, constitui-se em palco central da representação dessas lutas e, sobretudo, lugar de resistência e de desanuviamento dos ares conturbados gerados pelo negacionismo, pelo obscurantismo e pelo autoritarismo. Compreender de que modo os recursos multimodais cooperam para a produção dos sentidos desses textos e de toda uma diversa gama textual que caracterizam nossas práticas sociais cotidianas, tornou-se uma atividade mais profunda, mais completa e mais prazerosa sob a égide das ideias de Kress, colaboradores e discípulos, no sertão, no litoral, no Brasil, no mundo afora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. L. (org.) *Perspectivas em Análise Visual – Do fotojornalismo ao blog*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

ALMEIDA, D B. L. Where have all the children gone? A visual semiotic account of advertisements for fashion dolls. *Visual communication*. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore and Washington DC: SAGE Publications, v. 8., p. 141-501, 2009.

AQUINO, Jaciara. L. *Visualidade de Escrita e Significação no Gênero Editorial*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros/RN, 2011.

AQUINO, Lucélio. D. *Mecanismos de Construção de Sentidos no Gênero Editorial: aspectos verbais e visuais*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros/RN, 2010.

CAZDEN, C.; KRESS, G. et al. (The New London Group). A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. In: *Harvard Educational Review*. Volume 66. Number 1. Cambridge (MA, USA): Harvard Education Publishing Group, 1996.

DIONÍSIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Orgs.) *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005a. p. 177-196.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M; GAYDECZKA, B; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: Reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005b, p. 159-177.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed., Oxford/New York: Routledge, 2014.

HODGE, R.; KRESS, G. *Social semiotics*. 1. ed. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1988.

JEWITT, C.; OYAMA, R. Visual meaning: a social semiotic approach. In: van LEEUWEN, T.; JEWITT, C. (Orgs.). *Handbook of visual analysis*. London: SAGE Publications Ltd., 2001.

KRESS, G. R.; van LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 1. ed. London and New York: Routledge, 1996.

KRESS, G. R.; van LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London and New York: Routledge, 2006.

LAERTE. *Abertura da Assembleia Geral da ONU*. Perfil do Instagram @laertegenial, 22 set. 2020. 1 il. color. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CFcFY92sgv2/>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

LAERTE. *Questão de opinião*. Perfil do Instagram @laertegenial, 22 mai. 2020. 1 il. color. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CFcFY92sgv2/>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

LAERTE. *A Terra é plana e o isolamento é vertical*. Perfil do Instagram @laertegenial, 31 mar. 2020. 1 il. color. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CFcFY92sgv2/>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

RIBEIRO, A. E. Que futuros redesenhamos? Uma releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos e seus ecos no Brasil para o século XXI. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-19, 2020.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 28. ed.- São Paulo: Cultrix, 2012.

SANTOS, F. R. S. Multimodalidade e produção de sentidos em editoriais de revistas. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros/RN, 2011.

SANTOS, F. R. S.; MENDES, W. V. Multimodalidade e leitura crítica de imagens: análise de livros didáticos de línguas estrangeiras. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. esp., p. 29-49, ago. 2020.

SOUZA, M. M. de; AQUINO, L. D.; SANTOS, F. R. S; TEIXEIRA, F. C. Q. R.. A multimodalidade no gênero editorial. Relatório técnico. UERN: Pau dos Ferros, 2008.

SOUZA, M. M. de; AQUINO, L. D.; SANTOS, F. R. S; TEIXEIRA, F. C. Q. R; AQUINO, J. L. Opinião virtual: a multimodalidade em editoriais online. Relatório técnico. UERN: Pau dos Ferros, 2009.

UNSWORTH, L; THOMAS, A. *English teaching & new literacies pedagogy: Interpreting and authoring digital multimedia narratives*. New York: Peter Lang Publishing, 2014.